

O COMUNISMO DE CONSELHOS E A CRÍTICA AO BOLCHEVISMO

Lucas Maia

maiaslucas@yahoo.com.br

Este texto objetiva demonstrar como a perspectiva conselhistas considerou historicamente o bolchevismo. A maneira como este se apresentou ou como apareceu nos anos de 1920, momento em que se fortaleceu e adquiriu amplitude internacional, era ainda identificado com socialismo ou comunismo. Em que pese alguns já começassem a duvidar dos rumos que tomava a revolução russa, principalmente após o décimo congresso do partido comunista russo, que se realizou sob os escombros de Kronstadt.

Na Rússia, a situação já havia se aclarado sobremaneira, no restante da Europa, as imagens ainda apareciam meio nebulosas. Se a social democracia já havia sido derrotada teórica e praticamente nos anos 1920 e 1930, o bolchevismo conheceu nestas décadas seu apogeu enquanto prática de estado na Rússia e de partidos comunistas no mundo inteiro. Entretanto, do ponto de vista teórico, já no início dos anos 20, a perspectiva bolchevique já havia recebido sérias críticas. E o panfleto de Lênin, “*O Esquerdismo, Doença Infantil do Comunismo*” publicado em 1920, é uma resposta bolchevique a estas críticas.

O bolchevismo é um fenômeno historicamente determinado. Surge num contexto específico e num período muito bem determinado da sociedade russa. A social democracia que aparece na Alemanha no último quartel do século 19, durante o século 20 estende-se para vários países. Assim o foi com a Rússia. Entretanto, dadas as condições históricas específicas deste país, logo de início duas tendências começam a se separar dentro do partido.

A Rússia tinha ainda no século 20 uma estrutura social singular. Mesclava uma produção tipicamente capitalista em

algumas cidades, como São Petersburgo, que depois passou a ser chamada de Petrogrado, Kharkov, Moscovo etc., com uma estrutura fundiária e uma organização estatal tipicamente feudais. Os governos czaristas eram conhecidos por sua violência e repressão. Deste modo, o partido social democrata russo vivia ora na clandestinidade, ora na legalidade.

O debate interno no partido girava em torno de uma questão central que a realidade russa naquele momento colocava. O partido deve incentivar e lutar por uma revolução socialista ou por uma revolução burguesa para que esta crie as condições do socialismo? No congresso de 1903 do partido social democrata russo, houve a cisão completa. De um lato ficaram os que defendiam a segunda proposta, os *mencheviques*, que em russo quer dizer *minoritário* e defendendo a primeira, ficaram os *bolcheviques*, que quer dizer *majoritário*.

Dois elementos estruturam a ideologia e a política bolcheviques:

Primeiro – A classe operária só consegue adquirir uma consciência sindical, portanto nunca é revolucionária. É necessário que a consciência revolucionária venha de fora, que seja produzida pelos intelectuais pequeno-burgueses, que tiveram acesso à ciência, e às doutrinas econômicas e socialistas. Lênin assim o diz:

Os operários, já dissemos, não podiam ter ainda a consciência social-democrata. Esta só podia chegar até eles a partir de fora. A história de todos os países atesta que, pelas próprias forças, a classe operária não pode chegar senão à consciência sindical, isto é, à convicção de que é preciso unir-se em sindicatos, conduzir a luta contra os patrões, exigir do governo essas ou aquelas leis

necessárias aos operários etc. Quanto à doutrina socialista, nasceu das teorias filosóficas, históricas, econômicas elaboradas pelos representantes instruídos das classes proprietárias, pelos intelectuais (Lênin, 1988, p. 25)

Este texto, publicado em 1902, ou seja, antes da cisão dentro do partido, mas que permanece como centro da perspectiva bolchevique, demonstra claramente a total incompreensão que Lênin possui com relação aos processos sociais e principalmente no que se refere à transformação revolucionária da sociedade. Confunde consciência de classe do proletariado com “doutrina socialista”, a própria idéia de doutrina já é em si problemática pois remete a algo definido, acabado de uma vez por todas, restando somente apreender o que já existe. Algo religioso. De fato, não se trata de uma “doutrina socialista”, mas sim de teoria revolucionária, ou seja, aquela que expressa, do ponto de vista teórico, o movimento revolucionário do proletariado. Deste modo, não está encerrada, mas sempre aberta e buscando compreender e auxiliar o proletariado quando em luta para realização de seus interesses de classe.

Esta idéia, que, aliás, é tomada de empréstimo de Kautsky, segundo a qual a consciência revolucionária é sinônimo de conhecimento da ciência e das “doutrinas socialistas” expressa o quanto Lênin não entendeu o processo de ascensão da consciência revolucionária. Se tivesse tido o cuidado de ler Marx mais atentamente, verificaria que alguns elementos teóricos profundos já estão presentes ali e nos ajudam a compreender como este processo se dá.

A consciência revolucionária não é separada no proletariado de uma prática revolucionária. Na verdade, a consciência de classe não se desenvolve no proletariado, tendo este acesso à literatura socialista. Em que pese alguns indivíduos, mesmo com todas as

dificuldades presentes na vida dos trabalhadores, consigam conhecer e debater tais teorias. Mas em larga medida, a ascensão da consciência se dá na luta cotidiana dos trabalhadores, não é obtida somente através de um ensino racional, feito pelo partido, escola ou qualquer outra instituição burguesa, mas fundamentalmente pelo processo de auto-educação no qual a classe trabalhadora adquire a consciência de sua condição e das suas potencialidades. Num tal momento, temos a emergência de um movimento revolucionário, que é espontâneo, descentralizado, sem dirigentes etc. Num tal movimento, os grupos políticos, mais do que dirigir e dar a linha do que deve ou não ser feito, vão a reboque. Mais do que determinar o movimento, são determinados por este. Com relação ao desenvolvimento da luta operária, Marx assim se expressa:

Assim, a coalizão tem sempre um duplo objetivo, o de fazer cessar a concorrência entre os operários, para poderem fazer uma concorrência geral ao capitalista. Se o primeiro objetivo de resistência não foi senão a manutenção dos salários, à medida que os capitalistas por sua vez se reúnem num mesmo pensamento de repressão, as coalizões, a princípio isoladas, formam-se em grupos, e diante do capital sempre unido, a manutenção da associação torna-se mais necessária para os operários do que o salário. Isto é de tal modo verdadeiro, que os economistas ingleses se mostram muito espantados de ver os operários sacrificarem uma boa parte do salário em favor das associações que, aos olhos destes economistas, não foram criadas senão para defesa do salário. Nesta luta – verdadeira guerra civil – reúnem-se e desenvolvem-se todos os elementos necessários para uma batalha futura. Uma vez chegada a esse ponto, a associação adquire um caráter político (Marx, s/d, p. 148).

Deste modo, não há consciência revolucionária que não seja produto de uma prática revolucionária. Entretanto, esta não se desenvolve como caída dos céus ou vinda de fora. É um processo que se desenrola com avanços, retrocessos, inicia-se muitas vezes com reivindicações ainda limitadas (como melhores salários, melhores condições de trabalho etc.), evoluindo às vezes para condições nas quais a realidade burguesa é negada, suprimindo os capitalistas, o estado, as burocracias, o salário etc. Deste modo, a condição para o comunismo ou autogestão social, não é o conhecimento por parte dos trabalhadores de toda uma “doutrina socialista”, mas sim o desenvolvimento de sua luta e portanto de sua autoconsciência no sentido de afirmar sua autonomia. Portanto, a consciência não pode vir de fora, pois deve ser produto do desenvolvimento das próprias lutas dos trabalhadores.

E não é isto que Marx ainda nos diz?

São os homens que produzem suas representações, suas idéias etc. mas os homens reais, atuantes, tais como são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e das relações que a elas correspondem, inclusive as mais amplas formas que estas podem tomar. *A consciência nunca pode ser mais que o ser consciente; e o ser dos homens é o seu processo de vida real.* E, se, em toda a ideologia, os homens e suas relações nos aparecem de cabeça para baixo como em uma câmara escura, esse fenômeno decorre de seu processo de vida histórico, exatamente como a inversão dos objetos na retina decorre de seu processo de vida diretamente físico (Marx & Engels, 2002, p. 19) (grifos nosso).

Vemos na ideologia leninista nada mais nada menos do que o processo de transformação revolucionária da sociedade dentro da câmara escura, ou

seja, de cabeça para baixo. Lênin e os leninistas não conseguiram ou não quiseram entender os fundamentos elementares do marxismo. A idéia de que a consciência vem de fora, é a aceitação de que o proletariado só existe enquanto classe da sociedade burguesa. A concepção segundo a qual o proletariado é também o cozeiro desta sociedade é rejeitada, pois ele consegue no máximo chegar a uma consciência sindical. Na verdade, nesta assertiva, o bolchevismo só consegue afirmar a tese marxista dos limites intransponíveis da consciência burguesa. Em outras palavras, a perspectiva bolchevique só conseguiu analisar o movimento operário de um ponto de vista capitalista.

Segundo – o outro elemento estruturante do bolchevismo é a ideologia da vanguarda. Este é o complemento necessário à ideologia da consciência vinda de fora. Se os trabalhadores não são capazes por si só de desenvolver uma consciência revolucionária, muito menos são aptos a tomarem eles próprios os rumos de seu movimento. Os únicos competentes para tal tarefa são justamente e curiosamente os mesmos intelectuais pequeno burgueses organizados no partido. Deste modo, os intelectuais produzem a “consciência revolucionária” e o partido dirige a classe operária em direção à revolução.

De novo não é demais citarmos Marx para esclarecer algumas idéias prementes do bolchevismo. Na *Seção II – Proletários e Comunistas*, do “*Manifesto do Partido Comunista*”, Marx e Engels são claros quando afirmam:

Qual a posição dos comunistas diante dos proletários em geral?

Os comunistas não formam um partido à parte, oposto aos outros partidos operários.

Não têm interesses que os separem do proletariado em geral.

Não formulam quaisquer princípios particulares a fim de modelar o

movimento proletário (Marx & Engels, 1987, p. 116).

E linhas depois acrescentam:

Praticamente, os comunistas constituem, pois, a fração mais resoluta dos partidos operários de cada país, a fração que impulsiona as demais, teoricamente, têm sobre a grande massa do proletariado a vantagem de uma compreensão nítida das condições, da marcha e dos fins gerais do movimento proletário (Marx & Engels, 1987, p. 117).

Esta comparação entre Marx e Lênin tem uma razão. Os comunistas conselhistas ou que se tornaram conselhistas vão enfatizar uma característica do bolchevismo. Este foi o elemento central na revolução russa, que levou a cabo uma revolução burguesa sem burguesia. Isto pode ser evidenciado sob vários aspectos: no campo da produção filosófica, da prática política, do papel histórico desempenhado, tanto na revolução russa quanto na influência dos partidos comunistas em vários países etc.

Se no processo da revolução russa, o bolchevismo foi fustigado por várias tendências de oposição dentro mesmo do partido, como os grupos *Decemistas – Centralistas Democráticos, Oposição Operária e Comunistas de Esquerda; fora, as críticas vieram dos grupos Verdade Operária, o Grupo Operário, de Miasnikov, que se aproximou posteriormente do KAPD e do conselhismo. Ainda, fora do partido recebeu duras críticas, principalmente críticas práticas, como o Movimento Macknovista na Ucrânia em 1920 e a rebelião de Kronstadt em 1921 entre várias greves, manifestações que se desenvolveram até principalmente 1921. Após o décimo congresso do partido, realizado neste ano, com o estabelecimento da ditadura do partido único, toda forma de oposição era violentamente reprimida. A vitória da “revolução” Bolchevique representou o*

esmagamento político dos grupos de oposição e a aniquilação física dos operários e revolucionários críticos do partido e da burocratização inevitável do “estado comunista”.

Vários revolucionários da Europa Ocidental começaram a suspeitar dos rumos que tomava aquele movimento que se desenrolava na Rússia. As críticas começam a ser endereçadas a Lênin e seus partidários. Como já dissemos a resposta de Lênin ao que ele chamou de “esquerdistas” foi seu panfleto “*O esquerdismo, doença infantil do comunismo*”. Em tal obra ele critica os elementos revolucionários que apoiavam e teorizavam os conselhos, de maneira mais ou menos radical, como os espartaquistas, Gorter, Rhüle e Pannekoek na Alemanha e Holanda etc. Também na Itália as frações do partido social democrata que apoiavam o movimento dos conselhos e/ou defendiam o abstencionismo foram criticados por Lênin nesta dita obra comunista. Na Inglaterra, Sylvia Pankhurst é fustigada pelo panfleto, pois também ia na esteira da revolução, buscando compreendê-la de um ponto de vista teórico. Na verdade, este panfleto é uma tentativa de desacreditar internacionalmente os revolucionários que expressavam em sua teoria e em sua prática os interesses mais genuínos dos trabalhadores enquanto classe *para si*, ou seja, enquanto classe revolucionária.

Evidentemente não tardam as respostas. Ainda em 1920, Herman Gorter escreve sua “*Carta aberta ao companheiro Lênin*” (Gorter, 1981), na qual refuta ponto por ponto as objeções que Lênin faz aos autores que buscavam compreender os operários em luta. Entretanto, ainda por esta época não havia se consolidado um “Comunismo de Conselhos”, tal qual se formulou perfeitamente em meados dos anos 20 e na década de 1930. A centralidade do texto de Gorter ao criticar Lênin está na

idéia de tática. Lênin, no seu panfleto toma como modelo de revolução mundial a revolução russa e julga que tal modelo deve ser aplicado às outras nações, por isto a sua tese segundo a qual “a Rússia sintetiza a revolução em escala mundial”.

Gorter adverte que as condições históricas da Europa Ocidental são radicalmente distintas da Rússia. Na Rússia não havia um partido Social Democrata como na Alemanha, que já tinha membros de suas fileiras nos parlamentos, que, portanto, a prática parlamentar deveria ser negada como tática revolucionária. Os sindicatos da Europa Ocidental estavam de tal modo integrados à reprodução capitalista, que também não eram mais instrumento de luta revolucionária do proletariado, tal como poderia ocorrer na Rússia. O proletariado da Europa Ocidental não podia fazer aliança com nenhuma outra classe, pois estavam sozinhos nesta empreitada, não podiam fazer como na Rússia, onde os operários e os camponeses efetivaram a revolução. *Assim, na Europa Ocidental, por causa das condições históricas distintas da Rússia, o sindicalismo, o parlamentarismo e o compromisso de classe deveriam ser rejeitados pelo proletariado.*

Um outro texto, também publicado em 1920 demonstra esta crítica ao bolchevismo, mas destacando as questões táticas. O “*Novo Blanquismo*”¹, redigido por Anton Pannekoek alerta para os perigos de não se considerar a realidade da Europa Ocidental e importar o modelo da revolução russa. Dirige suas críticas ao que denomina de caráter blanquista do bolchevismo. O blanquismo é fundado nas idéias de August Blanqui, que na década de 1870 teve certa influência sobre os grupos revolucionários da

época, juntamente com o proudhonismo, o marxismo etc. A idéia básica do blanquismo é a tomada do poder de estado por uma minoria “revolucionária”. É precisamente isto que Pannekoek vai criticar, pois de fato qualquer revolução proletária não pode ser feita por uma minoria seja de que partido for, mas sim pelo conjunto da classe operária.

No que se refere à atuação do partido comunista na revolução russa, afirma: “O que se representa aqui é a ditadura do partido, a ditadura neo-blanquista da minoria resoluto”². Mais a frente diz: “E, em consequência de sua doutrina, não é o Partido Comunista em conjunto, mas o comitê central que exerce a ditadura”³. Conclui da seguinte maneira:

Não somos fanáticos pela democracia, nem temos qualquer respeito supersticioso pelas decisões majoritárias. Tampouco pagamos tributo à crença de que tudo que acontece está bem. A ação é crucial, a atividade é poderosa. Onde o poder é um fator, queremos usá-lo. Se, apesar disso, rejeitamos decididamente a doutrina da minoria revolucionária, é porque ela conduz a um poder aparente, a vitórias aparentes e, portanto, a graves derrotas. Será aplicável num país onde a massa é apática, dependendo de sua classe, como, por exemplo, uma massa camponesa, que não vê nada que não seja a sua vila e a face passiva da política nacional; lá, uma minoria proletária ativa da população poderia conquistar o poder estatal. *Mas, se esta tática não foi ensaiada ou recomendada na Rússia, é surpreendente vê-la recomendada para os países europeus ocidentais, onde vigoram circunstâncias muito diferentes*⁴ (grifos meus).

De novo aparece aqui a idéia de que há divergências táticas exigidas pelas

¹ PANNEKOEK, Anton. *O novo blanquismo*. Disponível em: <http://www.geocities.com/autonomiabvr/>, acesso em 13/11/2007

² Idem.

³ Idem.

⁴ Idem.

condições históricas distintas. Entretanto, já começam a ser apontados os limites e os reais interesses do bolchevismo. Aqui ele já é denominado de blanquismo, ou seja, o que importa é a conquista do poder estatal e por mais que se diga que a conquista do poder estatal é a revolução, apresenta-se uma contradição nos termos. E isto Pannekoek expressa de maneira completamente exata: “O verdadeiro exemplo russo terá de ser buscado nos dias anteriores a novembro de 1917: o partido bolchevique ainda não tinha dito e nem mesmo acreditava que devia tomar o poder ou que sua ditadura era a ditadura das massas operárias”⁵. Ou seja, a verdadeira experiência operária deve ser procurada antes do golpe blanquista dos bolcheviques, antes de sua chegada ao poder.

Também do ponto de vista teórico, as premissas do bolchevismo são duramente criticadas no início dos anos 20. Um trabalho de extrema importância, publicado em 1923 intitulado “*Marxismo e Filosofia*”, escrito por Karl Korsch, representa uma séria crítica aos fundamentos ideológicos tanto do kautskismo, quanto do leninismo. Para ele, estas “(...) formas ideológicas do marxismo ortodoxo, nascidas da velha ortodoxia marxista russa e internacional, já só representam hoje formas históricas em desaparecimento que *pertencem a um período passado do movimento operário moderno* (Korsch, 1977, p. 57) (grifos nossos).

A grande contribuição desta obra é a tese segundo a qual para se compreender o marxismo, deve-se aplicar o marxismo a ele próprio. Se o materialismo histórico-dialético é um método e uma teoria da sociedade adequado para compreender todos os fenômenos sociais, por que não utilizá-lo para compreender seu próprio desenvolvimento? É partindo desta

premissa que ele conclui que o marxismo é a expressão teórica do movimento revolucionário do proletariado. Quando este avança no sentido de se autonomizar, no sentido de constituir suas próprias formas de organização, no sentido de realizar seus interesses, também o marxismo se atualiza e se radicaliza. Quando o movimento operário se retrai, também o marxismo recua. A social democracia e o bolchevismo são a comprovação desta tese. No final do século 19 e início do século 20, o movimento operário experimentou décadas de ostracismo. A social democracia e o bolchevismo foram seu produto direto. De 1917 a 1923, o movimento operário se reavivou em toda a Europa: o comunismo de conselhos foi seu resultado.

Entretanto, à medida que a década de 20 avança e os anos 30 vão chegando, as posições vão se depurando. Nos anos 30, a social democracia está completamente morta, o bolchevismo chegou às últimas conseqüências com sua política blanquista, ou melhor, capitalista estatal. Diante deste quadro, grande parte daqueles indivíduos e grupos políticos que se opuseram de início ao bolchevismo têm diante de si uma situação que permite delimitar com clareza as condições e as posições de cada grupo. *A partir daí temos a consolidação da perspectiva conselhistas.*

Em setembro de 1939, Otho Rhüle publica um texto intitulado: “*A Luta Contra o Fascismo Começa pela Luta Contra o Bolchevismo*”. Para ele o:

(...) estado soviético serve de modelo ao fascismo, deve conter características estruturais e funcionais comuns. Para determinar quais, é-nos preciso regressar à análise do “sistema soviético”, tal como foi inspirado pelo leninismo, que é a aplicação dos

⁵ Idem.

princípios bolcheviques às condições russas⁶.

Ou seja, a política stalinista é a consequência necessária da ideologia leninista de fetichização das organizações burocráticas, o partido, o estado, os sindicatos. Dadas as semelhanças entre o fascismo italiano, alemão e a prática bolchevique no estado soviético, ele conclui seu texto da seguinte maneira:

Estes nove pontos demonstram uma oposição irreconciliável entre o bolchevismo e o socialismo. Eles ilustram, com toda a clareza necessária, o caráter burguês do movimento bolchevique e o seu parentesco próximo com o fascismo. Nacionalismo, autoritarismo, centralismo, direção do chefe, política do poder, reino do terror, dinâmicas mecanicistas, incapacidade de socializar - todos esses traços fundamentais do fascismo existiam e existem no bolchevismo. O fascismo não passa de uma simples cópia do bolchevismo. Por esta razão, a luta contra o fascismo deve começar pela luta contra o bolchevismo⁷.

Se Pannekoek classificou o bolchevismo como blanquismo em 1920, Helmut Wagner o classificou como Jacobinismo em 1933 nas suas “*Teses Sobre o Bolchevismo*”. Não vamos nos estender sobre seu texto, mas na tese 21 ele afirma:

O princípio básico da política bolchevique – a conquista e o exercício do poder pela organização – é jacobino; a grandiosa perspectiva política e sua realização, através da tática da organização bolchevique de lutar pelo poder, é jacobina; a mobilização de todos os meios e forças da sociedade aptos para o derrocamento do oponente absolutista, combinada com a aplicação de todos os métodos que prometiam êxito, as manobras e os compromissos do partido

bolchevique com qualquer força social que se possa usar, ainda que só por um instante e no setor menos importante... tudo isso é espírito jacobino. Finalizando, a concepção essencial da organização bolchevique é jacobina, pois consiste na criação duma organização estrita de revolucionários profissionais que é, e continuará sendo, a ferramenta dócil e militarmente disciplinada duma direção onipotente⁸.

Veja que tal como Pannekoek, o caráter golpista do bolchevismo é criticado, posto que não contribui, mas pelo contrário, refluí o movimento do proletariado em direção à revolução. Entretanto, agora Wagner tem muito mais elementos, pois que a prática bolchevique já se consolidou, por isto na sua tese 58 ele afirma:

A economia russa está determinada essencialmente pelas seguintes características: apóia-se nas bases de uma produção de mercadorias; é gerida segundo as normas da rentabilidade; revela um sistema capitalista de remuneração, com salários e ritmos de trabalho acelerados; e, por fim, leva os refinamentos da racionalização capitalista ao extremo. *A economia bolchevique é produção estatal que utiliza métodos capitalistas*⁹ (grifos no original).

Em outras palavras, o bolchevismo é jacobino em sua política “revolucionária” e capitalista em sua prática como poder constituído. No final das contas, o bolchevismo é uma organização com objetivos e práticas burguesas utilizando um cabedal conceitual pseudo-“marxista”, mas que de fato jamais compreendeu o marxismo, pois este só pode estar de acordo com uma prática revolucionária do proletariado.

⁶ RUHLE, Otho. *A Luta Contra o Fascismo Começa pela Luta Contra o Bolchevismo*. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/ruhle/1939/09/luta-contra-fascismo.htm>, acesso em 24/11/2007.

⁷ idem.

⁸ WAGNER, Helmut. *Teses Sobre o Bolchevismo*. Disponível em: http://www.geocities.com/jneves_2000/marxismo/tafas.htm, acesso em 13/11/2007.

⁹ idem.

Foi justamente este aspecto que Pannekoek observou no seu livro “*Lênin Filósofo: exame crítico dos fundamentos filosóficos do leninismo*”. Publicado pela primeira vez em 1938, esta obra é a palavra final no que diz respeito em demonstrar que a prática burguesa do bolchevismo, também aparece no domínio da “filosofia leninista”. Novamente, dadas as condições históricas peculiares daquele país, no qual a burguesia não tinha poder suficiente para levar a cabo sua revolução, foi necessário que outras classes o fizessem, o campesinato e o proletariado. Os bolcheviques foram a fração da burocracia que conseguiram conduzir de tal maneira os rumos que a revolução trilhou para que esta adquirisse um caráter burguês, sem que a burguesia estivesse na direção.

O que Pannekoek demonstra é justamente os fundamentos burgueses do pretense materialismo histórico do leninismo. Dada a influência que os populistas estavam tendo dentro do partido social democrata russo, Lênin escreve um texto filosófico “*Materialismo e Empiriocriticismo*” para reafirmar a concepção materialista da história, pois de acordo com ele Mach e os populistas eram idealistas.

Pannekoek observa que a crítica que Lênin dirige a Mach, Dietzgen, Avenarius não procede, pois eles não são o que Lênin julga que são. Não analisaremos aqui os equívocos de Lênin, para tanto, basta consultar o texto de Pannekoek. Pannekoek afirma, para desacreditar Mach, Lênin “intenta imputar a Mach concepções que este jamás há tenido” (Pannekoek, 2004, p. 331)¹⁰. O mesmo se dá com Avenarius e Dietzgen.

Entretanto, o que é central é a demonstração que Pannekoek faz das

origens burguesas do materialismo de Lênin. A base social para a construção do materialismo burguês foi a ascensão revolucionária da burguesia. Quando esta necessitava derrotar a feudalismo e o absolutismo, desenvolveu uma interpretação materialista do mundo. Entretanto, tal materialismo é abstrato, não conseguindo compreender a historicidade das relações sociais. No fundo, a origem do materialismo burguês está no desenvolvimento das ciências da natureza. Com relação à produção do conhecimento, o materialismo burguês tem algumas premissas centrais. De acordo com Pannekoek, são elas: a) o materialismo burguês se apóia nas ciências da natureza; b) por isto os seres humanos são os animais mais desenvolvidos da escala zoológica, sendo determinados deste modo pelas leis naturais; c) as idéias são produtos do cérebro; d) a consciência ou espírito é um reflexo do mundo exterior.

Não é curioso que Pannekoek encontre estas características presentes no livro de Lênin, daí ele afirmar que o materialismo leninista ser um materialismo burguês e não histórico-dialético. O “*Materialismo e Empiriocriticismo*” de Lênin é na verdade uma obra política, na qual ele busca desacreditar um conjunto de idéias que vinham repercutindo dentro do partido e ele não podia perder a hegemonia que possuía em tal organização. Pois o que é a teoria do reflexo presente nesta obra, senão a idéia de que a consciência reflete o mundo exterior? O que significa o uso por parte de Lênin das teorias das ciências naturais para provar seus princípios materialistas, senão que seu pensamento funda-se nas ciências naturais?

Não falamos aqui de outros bolcheviques, pois consideramos que em linhas gerais seguem a cartilha de Lênin. Tal como demonstra Paul Mattick em artigo intitulado “*Stalinismo e*

¹⁰ Esta obra pode ser encontrada em: http://www.geocities.com/cica_web.

Trotskismo”, publicado em 1947, há uma direta continuidade entre estes três membros “ilustres” da burocracia capitalista soviética.

Para concluir, o que buscamos demonstrar é que o bolchevismo não é uma continuação ou aprofundamento do marxismo, mas pelo contrário, está em total oposição com este. Tanto do ponto de vista político, quanto teórico, o

bolchevismo é pré-marxista, portanto, burguês. Korsch nos dá a explicação marxista para os fundamentos capitalistas do bolchevismo. Se Rühle afirma que a “*Luta Contra o Fascismo Começa Pela Luta Contra o Bolchevismo*”, podemos ampliar e dizer que a luta contra o capitalismo começa pela luta contra o bolchevismo, posto que este é a última trincheira da burguesia.

Referências

- GORTER, Herman. **Carta Aberta ao Companheiro Lênin**. In: Tragtenberg, Maurício (org.). *Marxismo Heterodoxo*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- LENIN, Vladimir Ilich. **Que fazer? As questões palpitantes do nosso movimento**. São Paulo: HUCITEC, 1988.
- MARX, Karl. **A miséria da filosofia**. São Paulo: Expressão do Livro, s/d.
- _____. & ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. & _____. **Cartas filosóficas & Manifesto Comunista de 1848**. São Paulo: Editora Moraes, 1987.
- PANNEKOEK, Anton. *O novo blanquismo*. Disponível em: <http://www.geocities.com/autonomiabvr/>, acesso em 13/11/2007.
- _____. **Lenin filósofo**. In: La izquierda comunista germano-holandesa contra Lenin. Disponível em: http://www.geocities.com/cica_web, acesso em 13/11/2007.
- RUHLE, Otho. *A Luta Contra o Fascismo Começa pela Luta Contra o Bolchevismo*. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/ruhle/1939/09/luta-contra-fascismo.htm>, acesso em 24/11/2007.
- WAGNER, Helmut. *Teses Sobre o Bolchevismo*. Disponível em: http://www.geocities.com/jneves_2000/marxismotarefas.htm, acesso em 13/11/2007.